

# D DESPORTO

## Jessica Augusto só se assusta com o futuro depois do atletismo

Há pouco mais de uma semana ganhou bronze individual no Europeu e foi fulcral para a prata colectiva. Agora exhibe com orgulho os galardões e distribui elogios por quem a ajuda a evoluir.

**Paulo Jorge Pereira**  
paulo.pereira@economico.pt

Bruxuleante, a reverberação do calor pode iludir olhares mais apressados, mas nem o ar descontraído de Jessica Augusto, em brincadeiras de férias com a pequena cadela, impede que a identifiquem. A atleta sente-se bem com o presente. Contudo, não ignora as dificuldades num horizonte temporal mais distante. “O problema é depois das carreiras, vão encostar-me porque já não ganho medalhas e talvez o Estado ou da Federação pudessem preparar-nos”, concede. “Quando penso no pós-carreira assusto-me – não tenho medo de trabalhar, mas assusta-me porque isto, mesmo com os sacrifícios, é tão bom... É bom acordar, tomar o pequeno-almoço, ir treinar e ter um tempo livre sem estar sujeita a horários. O futuro depois do atletismo é que é um bocado assustador, porque as pessoas deixam de nos conhecer. Tenho mais medo do futuro do que das rivais nas corridas!”

Com Fernanda Ribeiro como modelo por tudo o que conseguiu, destacando-se o título olímpico nos 10 mil metros em 1996, prova que Jessica seguiu pela televisão, ganhar nos Jogos Olímpicos não deixa de ser uma das principais metas. “Ai, isso é tão difícil... É um daqueles sonhos que quem anda aqui todos os dias a treinar e trabalhar tem como objectivo... É muito difícil, mas a maratona é uma prova aberta, nunca se sabe”, refere.

Mesmo sem ter visto correr Rosa Mota, claro que a actual dirigente do Comité Olímpico é importante. “A última vez que estive com a Rosa foi na meia-maratona perto das cataratas



### Com o treinador e o fisiologista

Após ser orientada por João Campos, a atleta trocou de técnico. “Mudei de treinador por pensar que era necessário. Queria apostar numa época nos EUA, falei com o Alberto Salazar para uma experiência no ‘Oregon Project’, mas respondeu-me que era só para americanos, o Mo Farah estava lá só para a evolução do meio-fundo e fundo norte-americanos. Com o Nogueira da Costa, a quem conheço desde 2006 por colaborar com o João Campos, sempre tive boa relação de amizade e trabalhamos muito bem juntos.” Na foto em cima, à direita, está também o fisiologista Amândio Cupido dos Santos, que trabalha ainda com a canoagem e é dono do Mira Villa Hotel, onde muitos atletas costumam estagiar.

de Iguaçu. Estive cinco dias com ela, gostei muito, fiquei a admirá-la mais. Nunca a vi correr, mas é uma referência, partilha muitas experiências e deixo-me muito bem com ela. Não vivo obcecada por bater o seu recorde nacional na maratona [ndr: 2h23m29s], é um objectivo que, se tiver de sair, irá sair.”

Entre o que andou para aqui chegar, a atleta recorda avisos. “O apoio dos meus pais foi fundamental, embora a minha mãe se queixasse de que eu não estudava e ia correr. Ainda fiz o 1º ano de Enfermagem, mas já se falava de crise, colegas diziam para aproveitar as pernas no atletismo porque eles teriam de emigrar. Alguns foram para Barcelona com rendas altas e nem saíam de casa, acabavam por voltar e trabalhar em cafés. Segui o conselho e não estou arrependida.” Quando lhe perguntam para quem corre, a resposta sai emotiva. “Corro para mim, para os portugueses, para a minha família. Corro porque gosto. E corro para o meu pai que está lá em cima [aponta para o céu] a olhar-me.”

### Antes, durante e depois

“Além da preparação tentámos, nas três maratonas que fiz com o actual técnico, competir de três em três semanas, procurar o ritmo para chegar ao dia em forma. Foram até 32 km por dia, divididos entre 16 ou um pouco mais de manhã e o resto à tarde.” Um bom resultado numa prova com as características da maratona começa bem antes. “Fizemos algo que a Rosa e o Pedrosa utilizavam: conhecer o percurso”, explica. “As italianas foram lá em Janeiro, eu fui só um mês antes, mas trouxe muitos benefícios, pois senti o

que era treinar lá. Tudo programado com apoio da Federação.”

Como foi a corrida? “Quando vi na ‘start list’ quem estaria considerei que a italiana era mais favorita do que a francesa, mas sabia que esta iria apresentar-se em boa forma. Eu tinha a melhor marca do ano entre as participantes, embora fosse só a quarta num plano geral, mas não tinha pressão, porque nesta altura da carreira consigo lidar bem com isso. O meu treinador esteve na partida, depois deslocou-se para a subida e sabia que iria receber indicações dele.”

Onde anda a cabeça durante tantos km? “Penso mais na família quando estou a passar pelos momentos mais críticos a partir dos 35 km, aquilo a que chamamos ‘muro’, quando começa a doer. E resulta! No início é preciso pensar no trabalho estipulado pelo treinador e pelo fisiologista sem excessos.” E depois ainda há muito em que pensar? “Sim, podia ter arriscado mais um bocadinho, talvez não resguardar-me tanto na parte inicial, mas haveria a dúvida se mantinha o terceiro lugar. Falei com o treinador e foi o que combinámos no plano táctico, a nível de ritmos era o que fora treinado”, resume. “Na conferência a francesa disse que o seu maior receio era a minha segunda parte na corrida e fiquei satisfeita por ser temida”, diz com os olhos a brilhar.

Esperando competir até aos 40, nem só para medalhas se fazem planos – aos 32 anos, há um projecto de ternura que Jessica espera concretizar. “Gostava de parar uns meses e ser mãe, pois ficar grávida não é uma doença. Vejo exemplos de colegas como a Sara ou até estrangeiras e penso muito nisso.” ■

Reportagem

**DESTAQUE DO DIA****Temitusilemo Leserit**

Salis nullam iliqui temitusilemo leserit lor se tatin vel uterum luptatus nitopimo loresting seuisalis nulm iliqui temitusi. Salis nullam iliqui temitusilemo leserit lor se tatin vel uterum luptatus nitomo loresting.

**AGENDA****Ténis**

Grand Slam, US Open, 1º dia (a partir das 16h00, Eurosport2 e a partir das 16h45, Eurosport).

**Futebol**

Liga Portuguesa, 2ª jornada.

Moreirense-Braga (20h00, Sport TV1); Liga Espanhola, 1ª jornada: Real Madrid-Córdoba e Atlético Madrid-Rayo Vallecano (19h00 e 21h00, Sport TV2).

**Ciclismo**

Volta a Espanha, 69ª edição, 3ª etapa: Cadiz-Arcos de la Frontera, 197,8km (das 15h00 às 16h45, TVI24 e Eurosport).

Bruno Barbosa

Jessica Augusto e as medalhas conquistadas no Europeu em Zurique - agora vem aí um mês de férias para recuperar forças.



## “Merecíamos ter uma recepção do Presidente”

**Atleta não esconde que ficou triste com as diferenças de tratamento entre desportistas.**

“A Federação tem ganho poucos apoios e isso reflecte-se nos equipamentos, mas já sei que vamos receber novos em breve. É um bocado triste uma selecção como a nossa não ter um patrocínio desportivo”, sublinha Jessica Augusto. “Acompanhei pouco o que disse o Nelson, foi antes da prova e procurei abstrair-me. Sei que comparei com o futebol, pois merecemos estar àquele nível”, comenta sobre as críticas de Nelson Évora ao poder político.

“Percebo que o futebol atrai mais público, patrocínios e outros meios, mas sou atleta e revoltam-me estas diferenças. Não deixo de vibrar com o futebol, vejo e adoro, mas ficámos tristes, pois também merecíamos uma recepção do Presidente, também vamos honrar a camisola de Portugal, quem traz as medalhas somos nós e conseguimos-las com pouco, mas não gosto de comparar. A Federação tem poucos apoios, eu tenho patrocínios que me permitem preparar para grandes competições, mas outros não têm.”

E estabelece uma comparação: “Tenho a sorte de ser meio-fundista/fundista, vou a uma prova de estrada e ganho dinheiro. Quem treina 100, 200 metros ou salto em comprimento não tem essa facilidade. Até vai a meetings com viagem e presença pagas, mas ganha pouco, vive da preparação olímpica ou do que pagam os clubes que, muitas vezes, se atrasam. Muitos dos meus colegas têm de conciliar estudos, trabalho e alta competição. Todos precisamos de apoio, mas os meus colegas das disciplinas técnicas precisam mais.”

Neta de emigrantes em Paris, Jessica mantém por lá tios e primos. “Emigraram para ter melhores condições de vida. Alguns gostavam de vir para Portugal, mas não dá, pois aquilo

que ganham lá já é difícil para viver, a crise é global. Aqui ganhamos pouco, mas temos qualidade de vida - em França nem se pode ir a um café!”

Um momento do Europeu que vai guardar é a festa do campeão nos 50 km marcha - o francês Yohann Diniz, cuja ascendência portuguesa o levou a exibir as duas bandeiras. “Tirei uma foto, ficámos todos contentes e até brincávamos: ‘Ena, a nossa primeira medalha!’ À noite já se sabia que era de Mirandela, foi bonito, mas nos jornais franceses não apareceu a bandeira de Portugal.”

Este ano quer voltar a apostar no europeu de corta-mato. Maratona? “Talvez corra a de Chicago em Outubro.” É uma prova com carga simbólica adicional, pois foi lá que Rosa Mota obteve o recorde nacional em 1985. Para já, nas férias, uma nova bicicleta em carbono leva-a a pedalar estrada fora. “E, como parecia uma criancinha com um brinquedo novo, até caí logo”, confessa com um sorriso traquina. ■

**PERFIL**

### A ganhar medalhas desde os juniores

Jessica Augusto nasceu em Paris a 8 de Novembro de 1981, fixando-se em Braga com os pais a partir dos seis anos. Começou a gostar de atletismo na escola e, aos 16 anos, entrou no Braga onde esteve até 2006, seguindo-se um ano no Maratona até passar a competir como individual. Franzina (pesa 44 kg e mede 1,62 m), evidenciou-se com o título europeu júnior de corta-mato em 2000, na Suécia. Acumulou medalhas nas Universíadas e nos Ibero-Americanos. Após prata na especialidade, foi campeã europeia de corta-mato, vice nos 10 mil e bronze nos 5 mil metros do Europeu (2010). Esteve nos Jogos Olímpicos de Pequim e Londres. No Europeu de Zurique juntou bronze e prata na maratona.